

## O *ETHOS* CRISTÃO NO TEXTO DE MURILO MENDES - AQUÉM DO BEM E DO MAL?

Crismery C. Alves Moratori  
UFES

Se tudo é relativo, não adianta erigir em absoluto a razão humana, o livre exame, os direitos do indivíduo, etc.

Murilo Mendes, “O discípulo de Emaús”, § 314  
(Entretanto, poderia ser Nietzsche)

**RESUMO:** O ensaio analisa, sob a visada crítica do filósofo Friedrich Nietzsche, o engajamento do texto muriliano no *universalismo cristão*, tomando como apoio a leitura da prosa aforística de “O discípulo de Emaús”.  
**PALAVRAS-CHAVE:** Universalismo; sentidos; afetismo; metafísica cristã.

Na produção literária de Murilo Mendes, assim como nas obras de arte em geral, podemos afirmar que há valores morais subjacentes, a saber, um *ethos* que fundamenta as opções estéticas assumidas pelo artista. Percorrendo a obra muriliana – especificamente “O discípulo de Emaús” (1943) – pela via de seu *ethos*, esta reflexão se propõe a interpretá-la filosoficamente, dizendo menos da biografia ou da intencionalidade do autor<sup>1</sup> e mais do pensamento universalista trazido à luz pela sua escrita. Dados biográficos de Murilo Mendes, quando utilizados, terão o valor de elementos *componentes*, e não de *determinantes* da obra produzida.

O pensamento universalista de origem cristã católica foi o fundamento do *ethos* muriliano em “O discípulo de Emaús” e estruturou as propostas estéticas do escritor na sua produção. O texto, construído em prosa aforística, é largamente utilizado pela crítica para *dar sentido* à literatura muriliana, pois, como outros escritos do autor, tematiza a própria construção poética. O aforismo como forma de expressão tem a força de explicitar uma proposição e induzir o leitor a reflexões existenciais, o que pode ocorrer mesmo no sentido da negação do proposto. Em “O discípulo de Emaús”, entretanto, parece haver um leitor esperado, que compartilhe da visão de mundo do autor ou que busque uma fundamentação “segura” para sua vida. Em termos filosóficos, o texto traz algo de reformador e recondutor, além

da pretensão de circunscrever *tudo o que é* em uma só idéia de absoluto: o Deus do catolicismo oficial. Assim, o *ethos* muriliano une a absolutização e abrangência dos valores cristãos católicos, afirmando seu *universalismo*. Segundo o aforismo 5: “O não-católico recusa automaticamente o título de *Universal*.”

Contrapondo filosoficamente “O discípulo de Emaús” nos referiremos ao pensamento de Friedrich Nietzsche, o qual vê no Cristianismo e em seus desdobramentos metafísicos os principais sintomas de decadência de nossa civilização. Em outras palavras, enquanto Murilo Mendes afirma seu engajamento como artista e pensador católico e elege a universalidade cristã como a única possível, Nietzsche toma-a como alvo da desconstrução mais impiedosa de sua obra. Essa oposição radical entre a crítica nietzschiana e o *ethos* muriliano é o ponto de apoio da análise que se segue, e nela, algumas semelhanças entre as concepções de ambos, filósofo e escritor, tendem a interromper a longa cadeia das diferenças.

Faz-se necessária, entretanto, uma melhor compreensão do significado atribuído à Ética neste percurso. Na interpretação mais corrente do termo, a *ética* é considerada “o conjunto de atitudes fundamentadas em valores aceitos universalmente como *positivos*”, o que implica a pergunta: “Determinada pessoa/povo *tem* ética?”. Isso incorre em agir dentro de determinados valores, estabelecidos como *melhores* que outros. Porém, se consideramos a *ética* “um conjunto de valores que, uma vez construídos culturalmente, fundamentam atitudes”, temos valores aceitos como positivos ou negativos de acordo com o momento histórico ou realidade cultural em que são pensados. A pergunta neste caso seria: “Qual ética fundamenta as atitudes de determinada pessoa/povo?” Nesta concepção de Ética, a possibilidade de retirar determinada formação cultural da posição de universal amplia-se consideravelmente, posto que a universalidade seja normalmente auto-proclamada por povos ou ideologias que subjugam outros – vide o caso da imposição do Cristianismo sobre inúmeras culturas pagãs. O pensamento cristão, base moral da cultura ocidental moderna, pode portanto ter sua valoração de *bem* e *mal* relativizada, e ser pensado como uma construção ideológica no espaço e tempo, entre outras. A partir desse movimento desconstrutor, refletimos sobre os valores afirmados na obra de Murilo Mendes.

“Murilo Mendes vírgula poeta, vírgula católico, vírgula brasileiro”, é o que responde Luciana S. Picchio (RJ, 1957, p. 69) às acusações irônicas de alguns críticos ao catolicismo do poeta. A ensaísta propõe um

desmembramento entre Autor, Homem e Texto, o que é importante para a crítica literária produtiva, porém, difícil em termos de análise de *ethos*. O fato de ser poeta, de se voltar para a metafísica cristã e de estar num meio cultural que o antecede e é por ele modificado faz de Murilo Mendes um *todo*, algo indivisível, onde está necessariamente incluído seu texto. A relação permanente entre *ethos* e arte é referida por Nietzsche em *O nascimento da tragédia* (São Paulo, 1998), onde o filósofo afirma que “a produção artística não é *desinteressada*”, e que não existe a “arte pela arte”. Assim, uma opção existencial do artista – de caráter político-partidário, religioso ou filosófico – faz parte de seu diálogo com o mundo e contém valores, afirmados ou negados como positivos. Após a publicação<sup>2</sup> de um trabalho, esse movimento do artista passa a ser também do público, que pode ou não “re-significar” a obra e seus valores<sup>3</sup>. Deve-se considerar ainda que os valores do artista não são da ordem de uma subjetividade inata, e sim formados por leituras, vivências e reflexões a partir de sua cultura. A reflexão sobre o *ethos* muriliano tem, portanto, menos a intenção de *desvalorizar* seu texto aos olhos de outros leitores que *ler seus valores* contrapostos a outras possibilidades éticas. Este movimento crítico tem, como quaisquer outros, o potencial de recriação do texto, fazendo-o cada vez mais vivo com a atitude de destecimento.

Ao analisar especificamente “O discípulo de Emaús”, Luciana S. Picchio (op. cit.) afirma que o texto possui algumas características fundantes da obra muriliana, entre as quais estão a forma de prosa aforística, a temática da relação entre o homem e Deus e a intenção do equilíbrio. Como Picchio, os críticos são incansáveis ao reconhecer em Murilo Mendes um “conciliador de contrários”, desde os poemas mais singelos até a meta-poesia, que diz de suas concepções estéticas, o que se confirma na maioria dos aforismos de “O discípulo de Emaús”. Compreendidos pelo pensamento nietzschiano, conciliação e equilíbrio são conceitos que correspondem a uma construção abstrata de *mundos ideais*, presente no pensamento ocidental desde Sócrates, Platão e Aristóteles. Nietzsche traça uma oposição entre a concepção metafísica inaugurada pelos filósofos citados e a concepção artístico-instintiva, presente no *modus vivendi* grego anterior a esta metafísica. A primeira, o filósofo caracteriza como *ascética*, por pretender-se “ética”, purificadora, espiritual e desinteressada. A segunda é caracterizada pela vivência estética, corporal, instintiva, pela parcialidade: tudo o que produz e sustenta a vida, como Nietzsche a compreende.

É importante observar que, segundo o pensamento nietzschiano, os ideais ascéticos nascem da *negação* da vida: precisam negar o *corpo*, o

*prazer*, o *instinto* e o *dever* para substituí-los pelo *espírito*, pela *purificação*, pela *ação desinteressada* e pelo *destino*. Segundo Nietzsche, a metafísica grega fundada por Sócrates negou a vida pela primeira vez, substituindo o mito pelo conhecimento, o corpo pelo espírito, o instinto pela Razão. O cristianismo reafirma a tradição grega e nega a vida criando a “consciência” e a culpa pelos pecados do corpo. A modernidade conserva a negação e quer, se possível, aniquilar os instintos com as máscaras do método científico, da imparcialidade e da objetividade. Avaliando a obra de Murilo Mendes pelas categorias nietzschianas, releva-se um *ethos* de enorme correspondência com a concepção ascética da vida, embora haja algumas contradições quando o escritor recorre a certa apologia dos sentidos, como nos aforismos 105 (“O prazer é uma revelação concreta e alegórica”) e 110 (“Pelos cinco sentidos também se vai a Deus”). Comparados às propostas estéticas de Nietzsche, esses aforismos sugerem analogias superficiais, mas estabelecem de fato uma inversão radical de premissas: neles, a valoração positiva do físico se faz pela via espiritual, e esta hipótese, os textos nietzschianos atacam e desconstruem sistematicamente.

O universalismo cristão de Murilo Mendes está presente nos aforismos de “O discípulo de Emaús” relativos a diversos temas, entre os quais podem ser destacados a crítica à ideologia capitalista, a crítica ao socialismo enquanto prática e teoria, a crítica à racionalidade ocidental, e a concepção teórica da arte (mais especificamente da poesia). Nesses quatro temas há a proposta do *equilíbrio* como forma de devolver ao homem um suposto valor originário, *melhor e mais condizente* com a vida que os *antagonismos* inconciliáveis do mundo contemporâneo.

Na crítica à ideologia capitalista, Murilo Mendes ataca principalmente o acúmulo de bens materiais, posto que o compreenda como forma de o homem distanciar-se da suposta pureza originária, ou seja, do equilíbrio com Deus. Alguns aforismos revelam este *juízo* negativo: 47. “Reformando Rousseau: o homem nasce ruim, a sociedade capitalista o faz pior”; 121. “O amor é uma comunicação de bens, por isso ele é anticapitalista; por isso é caridade”; 255. “Só faz apologia do trabalho exagerado, quem não pode CRIAR”. Contra o socialismo, os aforismos murilianos apontam igualmente para o erro materialista, ou seja, a concepção de vida sem Deus, sem espiritualidade. Nestes termos, *julga* negativamente tanto a teoria de Karl Marx quanto o socialismo instituído no leste europeu desde 1917. Eis alguns aforismos anti-socialistas: 143. “O comunismo é revolucionário diante do capitalismo e conservador diante do cristianismo”;

594. “A visão da humanidade através das suas classes está se tornando tão falsa e unilateral quanto a visão da humanidade através de suas raças”. Revela-se novamente a pretensão da ética muriliana em unir todos os interesses humanos diante do que considera absoluto – o Deus da doutrina católica – e “resolver” os conflitos da vida cotidiana através de um idealizado altruísmo.

A crítica muriliana à racionalidade foi algo que integrou o poeta ao seu tempo de forma muito coerente, pois fez com que se filiasse ao movimento modernista então nascente na arte brasileira. O pensamento muriliano, entretanto, foi além da estética modernista e buscou na renovação metafísica (pela via do catolicismo oficial) a “verdadeira” revelação de vida, à qual direciona seu trabalho de maneira apaixonada. Sobre a Razão ocidental afirma que: 313. “A verdade escapa ao ponto de vista, criação arbitrária da perspectiva”; 314. “Se tudo é relativo, não adianta erigir em absoluto a razão humana, o livre exame, os direitos do indivíduo, etc.”. A sagacidade de aforismos como o 314 demonstra o alto nível teórico de algumas críticas murilianas e revela que o homem em questão não é um simples dogmático que ignora o seu mundo, e sim um conhecedor profundo e crítico do meio cultural em que vive. Vista sob esta ótica, sua opção religiosa é uma postura política assumida, que se opõe deliberadamente à situação estabelecida. O *ethos* muriliano ironiza a Razão porque ela pretende uma universalidade que o poeta só concebe como divina. Enquanto a crítica dos românticos europeus tornava-os niilistas<sup>4</sup> e a crítica de parte da intelectualidade brasileira cometia a “antropofagia” das heranças ideológicas europeias, Murilo Mendes optava pela reafirmação do Absoluto de sua religião de infância. A opção foi política e, ao mesmo tempo, de refúgio contra o niilismo e contra as lutas intelectuais, posto que fossem ainda disputas “terrenas”. A hipótese de *refúgio*, porém, não é gratuita e constrói a noção muriliana de Poesia.

Murilo Mendes descobre na poesia a negação da racionalidade imposta pela cultura moderna e, ao mesmo tempo, a proximidade com o Céu, o que o leva à adoção de uma poética que procura utilizar somente o instrumental instinto-sensitivo na relação com o mundo. A ambigüidade desta postura está em fundamentá-la no Cristianismo, dada a valoração negativa que este atribui ao corpo. Ao negar a arte racionalizada, Murilo Mendes reconhece seu caminho estético como análogo ao surrealismo europeu – uma analogia *duvidosa*, se pensada por um surrealista radical. A fundamentação da estética muriliana pode ser encontrada em aforismos como: 17. “O conceito primordial da arte encerra a idéia de equilíbrio”; 195. “A poesia é uma transubstanciação do leigo no sagrado, do particular

no universal, do humano no divino”; 371. “Passaremos do mundo adjetivo para o mundo substantivo”; 729. “O poeta é um prático do espiritual”. A noção de *equilíbrio* na poética muriliana é, antes de tudo, uma postura ética. A idéia de equilíbrio de opostos remete a uma noção de perfeição originária: talvez do Éden criado por Deus, segundo a mitologia bíblica. No discurso muriliano do equilíbrio podemos encontrar críticas às noções de dialética e de relativismo, estruturas teóricas que sustentam o pensamento racional moderno. Seu primeiro aforismo assume a perspectiva que “O discípulo de Emaús” desenvolve: “O absoluto é o primeiro motor de todas as relatividades”.

Murilo Mendes desconsidera os caminhos criados pelo homem racional para se chegar à verdade porque compreende o absoluto simplesmente como Deus – o único ponto de equilíbrio, convergência de todas as oposições e todos os paralelismos. A poesia é entendida nesse raciocínio não como um *meio alternativo* criado pelo homem para chegar ao absoluto, e sim a *única ligação possível* do homem com Deus, formando ambos (Deus-poesia) a unidade Ideal, Verdadeira. Note-se o quanto o *ethos* muriliano diverge dos movimentos romântico e surrealista europeus. O primeiro, fruto de um niilismo que oscilou entre a melancolia e o sarcasmo e o segundo, fruto de um combate parcial contra a arte burguesa estabelecida; combate sem pretensões conciliadoras nem equilibradas. Em um dos aforismos que melhor estabelece os fundamentos da estética muriliana – “passaremos do mundo adjetivo para o mundo substantivo” – o poeta apresenta a síntese de seu próprio *ethos* do Absoluto e do Universal. Passar de um *mundo adjetivo* para um *mundo substantivo* significa passar da relação de interesses opostos e do julgamento de valores (bom, mau, feio, bonito, justo, injusto...) para o mundo do conceito, da absolutização do ser – do que *é em si, sem mais*. Em Nietzsche, este axioma significaria a negação da parcialidade, da interpretação e dos conflitos inerentes do homem, ou seja, a negação da vida tal como se nos apresenta: a passagem do “mundo para o não-mundo”, da “vida para a não-vida”.

Sobre o citado “mundo adjetivo”, a saber, o mundo da parcialidade e dos valores, Nietzsche trouxe inestimável contribuição com o seu *Além do bem e do mal* (SP, 1998). Um dos capítulos deste importantíssimo texto se constitui, como “O discípulo de Emaús”, somente de aforismos, cujos temas atacam precisamente valores caros ao *ethos* muriliano. Se vistos descontextualizados da obra, alguns aforismos de *Além do bem e do mal* poderiam revelar proximidade com as concepções de Murilo Mendes, principalmente em relação aos sentidos do corpo nas experiências da vida.

Poderiam ser supostas, inclusive, similaridades entre a poética de ambos. Em aforismos como o 94 (“Maturidade do homem: significa reaver a seriedade que se tinha quando criança ao brincar”), Nietzsche expõe sua proposta da vivência estética, em oposição ao caráter da civilização platônico-cristã: o riso no lugar da compenetração; a despreocupação e a infantilidade opostas ao cálculo e à seriedade; o prazer corporal positivado em relação ao ascetismo espiritualista. No aforismo 134 (“Toda credibilidade, toda boa consciência, toda evidência de verdade vem apenas dos sentidos”) o filósofo critica a razão e o método lógico por considerá-los abstrações de pensamento que, ao serem aplicadas como *mais* eficientes, são impostas sobre outros caminhos de conhecimento. A poesia, construída na trilha da des-razão e do sensitivo, é, como *toda a arte* no pensamento nietzschiano, o valor que deve prevalecer, que deve subjugar o ascetismo da moral platônico-cristã e do cientificismo – caminhos “doentes” e “decadentes” percorridos pelo homem ocidental – para que estes deixem finalmente de valer positivamente.

Contudo, aforismos como o 67 (“O amor a um único ser é uma barbaridade, pois é praticado às expensas de todos os outros. Também o amor a Deus”), o 108 (“Não existem fenômenos morais, apenas uma interpretação moral dos fenômenos...”) e o 177 (“Acerca do que é a ‘veracidade’ ninguém parece ter sido veraz o bastante”) de *Além do bem e do mal* revelam a distância entre a experiência reflexiva de Nietzsche e Murilo Mendes, posto que neles o filósofo atinja visceralmente os fundamentos do *ethos* muriliano, a saber, as noções de *amor*, de *moralidade* e de *verdade* criadas pelo Cristianismo. O amor a Deus é compreendido em Nietzsche como condição de suporte do fraco e do ressentido, que deposita neste Deus as esperanças de uma reorganização “justa” no além-mundo: salvação para os Bons e vingança para os Maus. Ainda de acordo com esta leitura, o Cristianismo que, ao contrário do Paganismo, concebe a divindade pela noção de *amor*, aproxima-se muito mais da *vingança* quando espera de Deus o castigo para os “maus”. Quanto à questão da Verdade como conquista cristã, incontestável segundo os aforismos de “O discípulo de Emaús”, Nietzsche sintetiza em um só aforismo (177, op. cit.) toda a sua reflexão. A *certeza* ou o *universalismo* nietzschiano diz da não-verdade, da “...interpretação moral dos fenômenos” (108, op. cit.), e não de fenômenos em si, em relação aos quais os homens mais honestos (bons) diriam a verdade e os menos honestos (maus) mentiriam. Em Nietzsche, cada fala, cada valor, cada olhar, é *uma possibilidade* de olhar. Nesse sentido, todo absoluto perde sua forma e a verdade *em si*, se desfaz enquanto tal. Este pensamento é inconcebível

dentro do *ethos* cristão, conquanto o mesmo só subsista em relação à Unidade e à Verdade absoluta.

Em Friedrich Nietzsche, podemos suspeitar de uma espécie de universalismo<sup>5</sup> oposto ao universalismo muriliano: o fundamento do filósofo é a *vontade de poder*, algo inerente a tudo o que é vivo. Entretanto, um certo intrincamento teórico deve ser reconhecido e considerado: duas concepções de mundo que se pretendem tão completas dificilmente são passíveis de crítica, ainda menos entre si. Criticar Nietzsche pela via do Absoluto religioso, considerando-o herege, pecador ou ignaro é tão tendencioso quando criticar a crença de Murilo Mendes no Absoluto pela teoria da *vontade de poder*. Assim a *tendência*, a saber, a opção de leitura do *ethos* muriliano pelo pensamento de Nietzsche, se faz menos pela intenção de denegrir o primeiro e mais pela identificação teórica e empírica com o segundo. Eis, portanto, o momento dessa reflexão em que o *equilíbrio* dá lugar à *parcialidade*.

Entre os pensamentos de Murilo Mendes e de Nietzsche encontramos mais um ponto de oposição fundamental: a crença na *purificação*. O universalismo muriliano quer um mundo purificado de quaisquer desequilíbrios e oposições. Seu *ethos* vai ainda mais longe, pois imagina essa postura como a *única possível* ou, pelo menos, a *única pensável* para nós, humanos. A hipótese aqui é pensar esses interesses do poeta como *anteriores* à sua conversão ao catolicismo, em 1934 – devida, segundo alguns comentadores, à enorme eloquência e poder de persuasão de seu amigo Ismael Nery. Esta conversão, aqui entendida como *retorno*, seria explicada pelo fato de que as pessoas em geral assimilam com facilidade algo para o qual seus *interesses* já estejam voltados. O retorno do poeta ao cristianismo mais conservador teria ido, portanto, ao encontro de suas pretensões de unir, equilibrar, conciliar.

Em total oposição às crenças de Murilo Mendes, Nietzsche compreende *purificação* como uma concepção *criada* pelo platonismo e pelo Cristianismo que, surgidos da plena decadência de duas grandes civilizações (grega e romana), instauraram um novo *sentido* para os ressentimentos humanos. A *pureza* teria então se transformado numa solução existencial abstrata para povos cuja decadência política, criativa e estética gerava niilismo e impotência. O filósofo afirma em *Genealogia da moral* que “não é possível exigir que a fraqueza [niilismo decadente, ascetismo] se expresse como força [saúde física e moral]; assim também é impossível que a força se expresse como fraqueza” (p. 36). Talvez nessa afirmação, Nietzsche tenha “solucionado” o movimento de retorno ético em Murilo Mendes, confirmando-o como



vitória da “doença” asceta sobre a saudável parcialidade do instinto. A *purificação* da existência através da conciliação e do equilíbrio pretendidos pelo poeta seria menos uma noção inata e eterna do que uma abstração que tenta, ao menos em termos ideológicos, organizar o caos do devir, diminuir as disparidades da vida e consolar a maioria dos mortais. Uma vez que apenas alguns podem ser *nobres*<sup>6</sup>, a maioria há de dizer-se *pura*.

Na forma ética e estética de pensar seu tempo, Murilo Mendes percebeu o caráter auto-criticável do pensamento moderno, assim como o abismo relativista – posto que ambas tendências permeassem a *intelligentsia* brasileira de então. Octavio Paz afirma em *Os filhos do barro* (RJ, 1984) que o movimento da modernidade só pode ser recriado com a crítica constante a seus próprios paradigmas; a “pena” para o delito de não pensar modernamente é estar aliado ao antigo e, portanto, ser *conservador*. Porém, a constância na auto-crítica leva o indivíduo, em alguns casos, a sofrer pela perda de uma identidade, de uma crença no que quer que seja. O relativismo pode, do mesmo modo, levar à perda de um referencial ético e estético, caso seja refletido em suas últimas conseqüências. Assim, a reflexão moderna exigia uma elaboração em termos artísticos e, principalmente, existenciais, o que o *ethos* muriliano não pôde assimilar; por isso, talvez, a necessidade de resgatar seu referencial de existência no Deus cristão, que se quer Absoluto. Que o resgate seja feito pela via da fé religiosa – *inexplicável, portanto incontestável* – é, de certa maneira, menos ingênuo que a fé na Razão, que se pretende *explicável, portanto incontestável*.

O perfil artístico de Murilo Mendes apresenta, portanto, um paradoxo interessante: o poeta mantém sua inserção estética na modernidade pelo retorno à ética conservadora. Se a solução muriliana foi uma fuga do niilismo, deve-se acrescentar: fuga pelo *encontro* dos próprios limites e, segundo a teoria nietzschiana, sintoma de fraqueza, posto que o poeta *retorna* aos ideais adormecidos. O retorno ético de Murilo Mendes, em última análise, beneficiou sua produção, mantendo-a integrada ao seu (nosso) mundo-história. Portanto, a purificação defendida e pretendida no texto muriliano teria origem no confronto entre um *ethos* que necessita de referenciais seguros e um momento histórico em que os homens desafiam os referenciais. Desta síntese emerge uma estética moderna que reproduz – talvez como necessidade vital – uma ética metafísica, de valores absolutos e universais. O universalismo muriliano enquadrou-se, portanto, no inexplicável que nos foi dado pela tradição cultural: o poeta não pôde ir *além* do bem e do mal.

A crença no Deus Absoluto, sentido último do equilíbrio e, portanto, da pureza essencial foi o fundamento *universal* proposto por Murilo Mendes. O caminho do poeta foi menos fundamentado na fé irrefletida que na reflexão ética, estética e histórica. A solução encontrada proporcionou continuidade artística e não arte niilista, como para os escritores românticos europeus. Sua filiação ao surrealismo foi problemática do ponto de vista conceitual, mas importante para a arte muriliana como reafirmação de seu anti-racionalismo. *Poesia, sentidos e Deus* foi outra união perigosa: talvez a única em que o Deus platônico-cristão foi resvalado por uma postura mais corporal. Mas a questão foi resolvida com algumas certezas providenciais do poeta católico: “Deus criou também o corpo do homem”; “Deus fez-Se homem em corpo e espírito”; “Deus é poesia”.

Nietzsche, ao contrário, levou seu *universalismo* – afirmação do anti-absoluto – às últimas conseqüências, o que talvez tenha determinado seus onze anos de desconexão com o mundo dos significados (sua “doença” mental). Se, em sua des-razão, não chegou “além do bem e do mal”, quem dirá? Murilo Mendes ficou saudavelmente aquém, dentro dos parâmetros de uma lógica que pode inclusive conceber o *além*, desde que fundamentado nos valores – *ethos* – com os quais a cultura e a tradição nos estruturam.

Retomando *Além do bem e do mal* em seu aforismo 184 – “Há uma exuberância da bondade que pode parecer maldade” – encontramos sentido e “bondade” na crítica de Nietzsche citada a seguir. Nela, o filósofo caracteriza uma postura que atribuímos não só a Murilo Mendes, mas a praticamente todos (nós) os cristãos-ocidentais do segundo milênio:

“... pacientes, humildes, justos” – isto não significa, ouvido friamente e sem prevenção, nada mais que: “nós, fracos, somos realmente fracos; convém que não façamos nada *para o qual não somos fortes o bastante*”; mas esta seca constatação, esta prudência primaríssima, [...] graças ao falseamento e a mentira para si mesmo, próprios da impotência, tomou a roupagem pomposa da virtude que cala [...] como se a fraqueza mesma dos fracos – isto é, seu *ser* [...] – fosse um empreendimento voluntário, algo desejado, escolhido, um *feito*, um *mérito*. (*Genealogia da moral*, SP, 1997, p. 37)

## Referências bibliográficas

- MENDES, Murilo. O discípulo de Emaús e outros textos. In *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Melhores poemas*. Org. Luciana S. Picchio. São Paulo: Global, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Genealogia da moral*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O nascimento da tragédia*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. Vontade de poder. In *Obras incompletas. Os Pensadores*. Nova Cultural, 1996.
- ARGAN, Giulio C. O olho do poeta ou les éventails de Murilo Mendes. Caderno Mais, Letras. *Folha de São Paulo*, 11 de maio de 1991. p. 7.
- BARBOSA, João Alexandre. Convergência poética em Murilo Mendes. In *A metáfora crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 117-136.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CAMPOS, Haroldo. Murilo e o mundo substantivo. In *Metalinguagem & outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 65-75.
- \_\_\_\_\_. Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira. In *Metalinguagem & outras metas*. Perspectiva: São Paulo, 1992. p. 231-255.
- CARVALHO, Raimundo N.B. *Murilo Mendes: o olhar vertical*. Vitória: Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, 2001.
- DUSSEL, Enrique. *Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- GONÇALVES, Agnaldo. Un pictura poesis: uma questão de limites. *Revista USP*, n.3. São Paulo, 1989. p. 177-184.

- MASSI, Augusto. Móbile para Murilo Mendes. Caderno Mais, Letras. *Folha de São Paulo*, 11 de maio de 1991. p. 6-7.
- MOURA, Murilo M. de. *Murilo Mendes: a poesia como totalidade*. São Paulo: Edusp, 1995.
- \_\_\_\_\_. Os jasmims da palavra jamais. In *Leitura de poesia*. Org. Alfredo Bosi. São Paulo: Ática, 1996.
- NUNES, Benedito. Antropofagia ao alcance de todos. In *Oswald de Andrade: obras completas, teses de concurso e ensaios*, v. VI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 13-53.
- PAZ, Octavio. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- PICCHIO, Luciana S. O itinerário poético de Murilo Mendes. In *Revista do Livro*, n. 16. Rio de Janeiro, dez. 1957. p. 61-74.
- SCHWARZ, Roberto. A carroça, o bonde e o poeta modernista. In *Que horas são?* São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p.11-28.

## Notas

<sup>1</sup> A noção de *Autor* da qual nos afastamos diz respeito ao “sujeito” que a crítica tradicional entende como o único que pode dar sentido à obra, ou seja, a autoridade máxima da análise de uma produção artística. (Roland Barthes, “A morte do autor”, in *O rumor da língua*, São Paulo, 1988)

<sup>2</sup> No sentido mais amplo de “tornar público”: expor a obra ao seu espaço e tempo e, portanto, ao diálogo com os observadores contemporâneos e futuros.

<sup>3</sup> De acordo com Roland Barthes, “...um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas [...]; mas há um lugar onde esta multiplicidade se reúne e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor”. (SP, 1988, p. 70)

<sup>4</sup> Segundo F. Nietzsche em *Vontade de poder* (SP, 1996), o niilismo é o cansaço da civilização, onde a negação dos valores (no caso, dos valores cristãos e modernos) é transformada em descrença. O niilista faz dessa amargura uma postura de vida. Para Nietzsche, de NEGAÇÃO da vida.

<sup>5</sup> O paradoxo em Nietzsche estaria em absolutizar o anti-absoluto, ou seja, afirmar a não-verdade como única verdade e a *vontade de poder* como única forma de ser da vida. Há de se reconhecer entretanto que *vontade de poder* em Nietzsche refere-se exatamente à mutabilidade da existência, resultado da sobreposição de *vontades fracas* (ressentidas e doentes) por *vontades fortes* (saudáveis, afirmativas do corpo e da forma) e vice-versa.

“Nobreza”, no pensamento nietzschiano, é uma categoria que *não corresponde* ao conceito sociológico, a saber, o desígnio de uma classe social. Constitui uma *atitude* diante da vida e do devir: atitude de homens que *não querem e não precisam* ser consolados; que desconhecem a compaixão porque, ou olham o “outro” de igual para igual, ou não o vêem. Assim, só o igualmente forte é considerado amigo ou inimigo. Até que ponto esta espécie de homem existiu, existe ou é uma metáfora de Nietzsche, cabe refletir.